

## EDITORIAL

*Seu manuscrito é bom e original, mas a parte que é boa não é original e a parte que é original não é boa.*

*Samuel Johnson (1709-1784)<sup>1</sup>*

Assim como não é fácil escrever, não é tarefa simples ser editor e revisor. É preciso ter certa delicadeza para se dizer a um autor a mensagem contida na epígrafe de Samuel Johnson e, ao mesmo tempo, é preciso ser conspícuo em relação aos motivos que determinam a recusa de um manuscrito. Recentemente, estava conversando com um colega, e ele me disse que um manuscrito finalizado era como um filho para ele, e é difícil acharmos defeitos nos próprios filhos. Como é que alguém, que não participou da criação daquele “filho” – o revisor, no caso –, teria tanta autoridade para apontar, sem dó nem piedade, todos os erros, defeitos, deslizes e omissões? E, ainda por cima, afirmar categoricamente que este filho, gerado com tantos ensaios, não pode ser aproveitado?!

De fato, não é sempre fácil para o autor suportar esses golpes. No entanto, sabe-se que eles nos parecem mais duros nos primeiros trabalhos. O autor iniciante raramente pode ser realmente bom e criativo em todos os seus trabalhos. Existe todo um processo de aprendizagem e de amadurecimento para se produzir artigos bons e originais que depende de uma certa passagem do tempo e do número de tentativas. Às vezes, os revisores realmente esquecem um pouco da sua tarefa pedagógica e são muito cruéis com os autores e, temos sentido, que muitos ficam magoados não tanto pelo *que* é dito, mas *como* é dito. Com o tempo, aprendemos a escrever com maior cuidado; aprofundamos mais nossa pesquisa bibliográfica e solicitamos que nossos amigos leiam o manuscrito antes de enviá-lo para determinado periódico. Com isso, passamos a sentir os golpes mais suavemente e sem a conotação pessoal que lhes dávamos no início, entendendo e agradecendo a oportunidade de ter uma revisão conscienciosa que permite a melhoria de trabalho dos pesquisadores e autores. Entendemos, enfim, que nem

mesmo o filho mais dileto é perfeito. Ao menos aos olhos dos outros.

A máxima da academia científica internacional, *publish or perish*, (publique ou pereça) é tanto verdadeira quanto cruel. O pesquisador que não publicar não pode trocar experiências, não pode comunicar seus achados para colegas, não permite a crítica ao seu trabalho nem a replicabilidade da sua metodologia. Publicar é realmente essencial para a ciência. No entanto, é preciso publicar trabalhos bons e originais freqüentemente. Existem cotas que devem ser cumpridas, especialmente para quem está vinculado a programas de pós-graduação, e esse fato exerce uma pressão nos autores que, nem sempre, tomam os cuidados necessários de revisão dos próprios manuscritos e, conseqüentemente, os “golpes” dos revisores podem machucar, e haverá então maior probabilidade de o trabalho ser rejeitado. Se muitos trabalhos forem rejeitados, o autor poderá ter dificuldade para fazer novas tentativas.

Desta forma, autores precisam ser mais minuciosos no envio de seus trabalhos (observar o seguimento de normas de publicação, revisão de português, revisão do *abstract*, leitura anterior por um colega próximo etc.). Por outro lado, os revisores precisam lembrar do seu papel didático: não apenas reprovar, riscar, criticar, mas apontar o que pode ser melhorado, sugerir novas formas de escrita, indicar outras fontes de referências, apontar e elogiar aspectos interessantes e bons do manuscrito e procurar entender aspectos pessoais de estilo.

Neste número da revista INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA, há muitas novidades, todas elas construídas com os membros da Comissão e do Conselho Editoriais, aos quais agradeço de coração, bem como ao trabalho primoroso dos revisores. O subtítulo “em

Psicologia” foi adicionado para garantir a indexação nessa área de conhecimento. O formato em tamanho *letter* e a publicação de dois números por anos foram adequados às normas internacionais. Maior número de páginas representa a maior quantidade de artigos recebidos nos últimos meses, e novas indexações, como INDEX-PSI e LILACS, mostram que este periódico está sendo bem aceito na comunidade acadêmica.

Temos seis autores da UFPR e seis autores de outros Estados brasileiros e um autor internacional, com 11 artigos e duas resenhas, todos bons e originais, de acordo com os muitos revisores que fizeram sua valiosa contribuição para a publicação científica em Psicologia no Brasil. Paula Inez Cunha Gomide e Andressa Sperancetta relatam um experimento sobre efeitos de um filme de abuso sexual no comportamento agressivo das adolescentes; Marcus Bentes de Carvalho Neto discute o Behaviorismo Radical, Análise Experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento; Lúcia Vaz de Campos Moreira e Eulina da Rocha Lordelo apresentam um trabalho realizado em creche em ambiente urbano pobre e as ressonâncias no ecossistema desenvolvimental; Cristiane Ribeiro da Silva e Maria Augusta Bolsanello fazem um debate sobre o cuidar e o educar no cotidiano das creches; Cristiane Figueiredo Araújo e Helene Shinohara enfocam a avaliação e diagnóstico em terapia cognitivo-comportamental; Irene Rizzini apresenta um en-

saio sobre tendências e preocupações globais acerca das crianças, adolescentes e famílias; Saint-Clair Bahls e Flávia Rocha Campos Bahls apresentam um texto sobre as características clínicas da depressão na adolescência; Maria Eliza Giusti tece articulações sobre o conceito de causa na Psicanálise; Rudinalva Alves e Luís André Kossobudzky mostram a caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba; Sílvio Paulo Botoomé e Olga Mitsue Kubo discutem a responsabilidade social dos programas de pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior; Pascal Roman analisa as estratégias e desafios da adoção no estrangeiro; Vera Silvia Raad Bussab apresenta a resenha do fascinante livro “Mãe Natureza – uma visão feminina da evolução: Maternidade, filhos e seleção natural”; Paula Inez Cunha Gomide e Emma Otta resenham o livro, que será brevemente lançado no Brasil, “Métodos em Pesquisa Comportamental”.

Esperando que os trabalhos deste número da INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA sejam úteis e interessantes, convido os leitores a também submeterem seus manuscritos originais à publicação.

*Lidia Natalia Dobrianskyj Weber*  
*Editora*